

ESTRATÉGIAS FONOAUDIOLÓGICAS NOS CASOS DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISES DE ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS

Palavras-Chave: FONOTERAPIA, AUTISMO, FONOAUDIOLOGIA

Autores(as):

SARAH MARIA CAMILLO DA ROCHA, PUCCAMP

CAROLINA BELISARIO BIZUTTI FERNANDES, UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). KELLY CRISTINA BRANDÃO DA SILVA, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Do ponto de vista da fonoaudiologia, o autismo pode ser representado por alguns impasses na aquisição e desenvolvimento da linguagem, o que pode interferir na interação com os outros (Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2019). O artigo de Zanon, Backes e Bosa, (2014) revela que o atraso de fala e linguagem é o que mais mobiliza os pais na busca por assistência quando há suspeitas de alguma dificuldade no desenvolvimento infantil, ou seja, o fonoaudiólogo é um dos primeiros profissionais a receber essa queixa nos atendimentos.

As possíveis dificuldades se apresentam de forma diversa entre os indivíduos no Transtorno do Espectro Autista e podem estar presentes em diferentes estágios do desenvolvimento (MAENNER, 2020). Atualmente, o autismo tem sido categorizado de acordo com o nível de suporte que o indivíduo necessita, sendo nível de suporte I, II ou III.

Apesar do autismo ser objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, pôde-se identificar que há poucas publicações acerca da abordagem utilizada por fonoaudiólogos. Segundo revisão de literatura que reuniu artigos publicados entre 2015 e 2021, nacionais e internacionais, a respeito da atuação do fonoaudiólogo com sujeitos autistas, há duas abordagens mais incidentes, a saber: ABA (Applied Behavior Analysis) e PECS (Picture Exchange Communication System) (ARAÚJO et al., 2021). O primeiro método diz respeito a uma abordagem da Análise Aplicada do Comportamento, advinda da psicologia, que compreende que o comportamento é modelado pelo ambiente por meio das consequências. Em relação ao PECS (Picture Exchange Communication System), este é um método de Comunicação Suplementar Alternativa (CSA), da área da fonoaudiologia.

Segundo revisão de literatura internacional realizada por Cui, Ni e Wang (2023), os métodos de intervenção em linguagem e comunicação de crianças com TEA envolvem a estratégia de imitação (de movimentos, palavras e frases); O uso do Picture Exchange Communication System (PECS) e musicoterapia. Ainda, a revisão cita a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) que envolve treinamentos e estratégias com reforço. Também, a pesquisa menciona o uso de jogos interativos que buscam a comunicação e linguagem social por meio da validação dos interesses do paciente (CUI et al., 2023).

Independente da abordagem de intervenção aplicada ao autismo, a literatura internacional (NATIONAL STANDARDS REPORT, 2015; YING CHU et al., 2021; SANDHAM et al., 2021) aponta a necessidade de práticas de intervenção voltadas à fonoaudiologia. Desse modo, há o questionamento acerca de quais são as estratégias utilizadas por esse profissional, pois tal conhecimento pode ser útil no sentido de compreender a realidade brasileira.

METODOLOGIA:

Este é um projeto de caráter qualitativo e retrospectivo, uma vez que os dados já haviam sido coletados em uma pesquisa de doutorado denominada “Autismo e fonoaudiologia: percepções acerca das concepções teóricas, estratégias terapêuticas e condições de trabalho”, sob o número de aprovação CAAE 72014223.2.0000.5404.

As entrevistas que serviram de base para a escrita do projeto foram conduzidas online (Google Meet), no estilo semi-estruturada, com duração média de 20 minutos. As entrevistas foram gravadas em áudio para a posterior transcrição. Após as transcrições, as gravações foram destruídas.

Segundo DiCicco-Bloom e Crabtree (2006), esse modelo de entrevista consiste em perguntas pré-determinadas e outras que emergem diante do diálogo entre entrevistador e entrevistado de forma natural. É um meio eficiente de compreensão da narrativa pessoal do entrevistado acerca de suas percepções. As perguntas adicionais que surgem durante o processo, visam tanto esclarecer alguns pontos, quanto adicionar informações importantes que não foram consideradas previamente pelo entrevistador (MCGRATH; PALMGREN; LILJEDAHN, 2019).

Dessa forma, foi realizada uma análise qualitativa de dados obtidos por meio de entrevistas semi estruturadas feitas com fonoaudiólogos formados a fim de compreender quais são as estratégias mais utilizadas por esses. Os dados das entrevistas dizem respeito aos desafios do atendimento com sujeitos autistas, as concepções teóricas que orientam esses profissionais, as estratégias terapêuticas utilizadas, as percepções sobre o autismo e dados acerca das condições de trabalho. Porém, esse projeto teve como foco a temática das estratégias terapêuticas.

Foram analisadas 62 entrevistas por meio de análise temática dedutiva. Segundo Souza (2019), a análise temática possui características semelhantes a procedimentos utilizados em análises qualitativas. Esse formato busca por padrões, flexibilidade, homogeneidade interna nas categorias/temas e heterogeneidade externa entre as categorias e temas. A análise temática dedutiva, especificamente, parte de um conjunto preestabelecido de categorias ou temas bem definidos.

Na presente pesquisa, foi utilizado o software MAXQDA, que permite análises adicionais de métodos mistos em pesquisas acadêmicas e científicas, fornecendo uma leitura rápida de um grande número de entrevistas e ligação dos dados obtidos (RÄDIKER; KUCKARTZ, 2021). Por meio dele, foram encontradas todas as entrevistas em que as palavras-chaves “estratégias” ou “estratégia” tivessem sido utilizadas. A partir disso, foi feita análise temática dedutiva, separando as estratégias citadas em eixos temáticos comuns.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Tabela 1: Estratégias terapêuticas utilizadas.

Estratégias utilizadas	Quantidade de participantes que referem
Brincar (simbólico, brinquedos em miniatura, livros, dramatização).	21
Sensorial (apoio visual, acomodação sensorial, balanço, manter contato visual).	18
CSA (PODD, Core Words, PECS, etc..).	15
Participação e orientação familiar.	12
Análise do comportamento (reforço, colocar limites, recompensas, tempo de cadeira, economia de ficha).	12
Seguir o interesse do paciente.	10

Música (cantar o nome do paciente, inventar músicas, colocar músicas).	8
Planejar a sessão (rotina, estruturação prévia).	8
Técnicas (multigestos, laser, etc.).	5
Interação (habilidades comunicativas, linguagem).	5
Atividade motora (circuito, jogos corporais, estimulação motora corporal, relaxamento).	5

Fonte: Elaborado pelas autora

O “brincar” foi citado diversas vezes, referente às estratégias usadas pelos profissionais, sendo mencionado em 21 dos relatos. Um exemplo que pode ser usado como representação disso é do P9, que disse: *“Na maior parte das vezes não é um brincar funcional que os meus pacientes apresentam. Então, eu acabo meio que ensinando a brincar e ensinando a fazer jogo simbólico, faz de conta”*. Por meio da análise das respostas, é notável que o “brincar” nas sessões é usado como ferramenta auxiliar na busca dos objetivos fonoaudiológicos principais. Algumas crianças com TEA podem demonstrar dificuldade no simbolismo, por isso, é necessário que essa habilidade seja inserida no processo terapêutico para promover a interação (ALMEIDA; PEDRUZZI, 2018).

Ainda, outra estratégia citada nas entrevistas foi o uso de recursos sensoriais, próprios da área de conhecimento da Terapia Ocupacional, mencionado em 18 dos relatos. Um exemplo representativo é do P41, que diz: *“Às vezes tem essa criança encaminhada. Então, eu tenho uma criança que ela tem dias que ela chega muito desregulada sensorialmente. Então, fui conversar com a TO, o que eu posso ajudar a manter essa criança um pouco mais regulada, pra que ela possa aprender. Quando ela está desregulada, eu não consigo fazer meus objetivos de fono. Então, ela me deu estratégias voltadas para a ciência que ela estudou de terapia ocupacional, de perfil sensorial, então de acomodação. Então, eu sei que ele gosta muito de brinquedos sensoriais, de ficar apertando. Ele tem uma busca visual muito grande, então, na minha terapia, se eu to trabalhando com ele, eu to trabalhando imitação de vogais, ele tem uma busca sensorial muito grande, eu procuro colocar as vogais em um objeto que está em movimento, ou que tem uma luz”*. É possível observar que o uso desses recursos tem como função principal alcançar a maior concentração e interação dos pacientes frente às atividades propostas pelos fonoaudiólogos, para que os objetivos envolvendo a aquisição da fala e linguagem sejam alcançados.

Destaca-se, também, a Comunicação Suplementar Alternativa (CSA), essencialmente alinhada ao trabalho de linguagem e relatada por 15 fonoaudiólogas. A P35 refere que: *“Atualmente, eu tenho utilizado como estratégia principal a comunicação alternativa, né? Então, isso seja ela alternativa ou aumentativa. [...] Como você disse, existem vários níveis de comprometimento, né. De demandas de comunicação. Mas, eu tenho usado bastante, seja para a gente iniciar essa interação, para trabalhar umas palavras essenciais ou uma coisa um pouco mais aprimorada, aqueles que têm uma fala, uma comunicação oral um pouco mais estabelecida, eu uso pra ajudar mais nas questões pragmáticas, uma melhora na organização de frases, às vezes pra ensinar a usar mais elementos de ligação, conjunção.”*

A Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA) é uma ferramenta que pode auxiliar o processo de aquisição da linguagem, contribuindo tanto para a ampliação do vocabulário quanto para o acesso a diferentes modalidades de linguagem, além da fala. Estudos como os de Pereira et al. (2020) e Montenegro et al. (2021) apontam que o uso da CSA está associado a avanços em habilidades expressivas, compreensivas e na qualidade das interações sociais. Ressalta-se sua relevância no contexto da prática fonoaudiológica, uma vez que essa abordagem se alinha diretamente a ela.

Em 12 relatos, os fonoaudiólogos citam a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), abordagem própria da psicologia, como parte de suas estratégias. Um exemplo seria o do P59: *“Eu hoje sou analista do comportamento, eu uso análise de comportamento aplicada. Meu contato com*

ABA, a análise de comportamento, ela veio já desde logo que formei, em 2018. E permaneço ainda nesta abordagem, eu uso uma abordagem tanto estruturada, quanto semi estruturada, onde trabalho, com análise de comportamento, mas a minha ciência de base, a minha análise de base, para determinar como que vai ser o planejamento terapêutico, acaba sendo, a análise de comportamento mesmo, sabe". Em parte dos relatos, quando perguntados a respeito das estratégias mais utilizadas, os fonoaudiólogos não citaram intervenções próprias da sua área de conhecimento, mas da ABA. Isso pode demonstrar certa indistinção entre os papéis do fonoaudiólogo e do psicólogo analista do comportamento. Segundo Amato e Fernandes (2013), não existem evidências suficientes que sustentem a superioridade do ABA em relação a outras abordagens. Dessa forma, destaca-se a importância de buscar outros meios de intervenção em linguagem, reconhecendo que não há um método único que se aplique a todos os indivíduos dentro do espectro.

Nas entrevistas, observou-se uma certa indistinção, por parte dos participantes, entre os conceitos de estratégia terapêutica e abordagem teórica. A análise evidenciou o uso de estratégias diversas por fonoaudiólogos, muitas vezes originadas de referenciais teóricos distintos, como o interacionismo e a análise do comportamento aplicada, que, em alguns casos, apresentam diretrizes divergentes entre si. Ainda que alguns profissionais tenham declarado adotar determinada abordagem, como o interacionismo ou a ABA, nota-se que suas práticas nem sempre são coerentes com os fundamentos teóricos dessas correntes. Apesar disso, a maioria dos entrevistados reconhece que o papel da fonoaudiologia está centrado na promoção da comunicação, compreendida como resultado da interação com o outro, uma perspectiva que contrasta com a concepção de linguagem como comportamento, característica da ABA.

CONCLUSÕES:

Essa pesquisa identificou e analisou as estratégias mais utilizadas pelos fonoaudiólogos no tratamento de pacientes com TEA. Entre as estratégias mencionadas estão tanto as que fazem parte da fonoaudiologia, como a Comunicação Suplementar e/ou Alternativa, quanto as que fazem parte de outras áreas de conhecimento, como a Integração Sensorial, da Terapia Ocupacional e a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), da Psicologia. A estratégia mais citada foi o uso do “brincar” para promover o simbolismo e alcançar a interação e comunicação, bem como outras habilidades de linguagem. Entretanto, é possível observar uma indistinção por parte dos entrevistados entre os conceitos de estratégia e abordagem. Isso fez com que, ao serem perguntados a respeito de quais estratégias mais utilizavam para atingir seus objetivos terapêuticos, os participantes mencionassem uma abordagem teórica específica. Também, é notório que há uma grande diversidade de estratégias utilizadas, provenientes de pontos teóricos distintos, com conceitos que divergem entre si. Alguns fonoaudiólogos mencionaram o brincar e a interação por meio da música como estratégias terapêuticas, enquanto outros citaram a Análise do Comportamento, havendo, inclusive, participantes que se referiram a ambos os vieses. Embora a maioria compreenda seu papel como promotor da linguagem e da comunicação, entendidas como construídas na interação, muitos ainda fundamentam seus planejamentos terapêuticos em abordagens teóricas que concebem a linguagem como um comportamento.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, JLO; SOUSA, CCA; FARIAS, RRS. **Benefícios da intervenção fonoaudiológica no transtorno do espectro autista: Revisão de literatura.** Research, Society and Development, v. 10, n. 6, e49610615550, 2021
- CHU, Shin Ying et al. **Exploring attitudes about evidence-based practice among speech-language pathologists: A survey of Japan and Malaysia.** International Journal of Speech-Language Pathology, v. 23, n. 6, p. 662-671, 2021.
- CUI, Mengmeng; NI, Qingbin; WANG, Qian. **Review of intervention methods for language and communication disorders in children with autism spectrum disorders.** PeerJ, v. 11, p. e15735, 2023.

DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. **The Qualitative Research Interview**. Medical Education, v. 40, n. 4, p. 314–321, abr. 2006.

FERNANDES, F. D. M.; AMATO, C. A. H. **Análise de Comportamento Aplicada e Distúrbios do Espectro do Autismo: revisão de literatura**. CoDAS, 25 (3), 289-296 [em linha]. 2013.

MAENNER, Matthew J. **Prevalência e características do transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos** — Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiências de Desenvolvimento, 11 locais, Estados Unidos, 2020. MMWR. Resumos de Vigilância , v. 72, 2023.

MCGRATH, C.; PALMGREN, P. J.; LILJEDAHN, M. **Twelve tips for conducting qualitative research interviews**. Medical Teacher, v. 41, n. 9, p. 1–5, 28 set. 2019.

MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque et al. **Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo**. Audiology-Communication Research, v. 26, p. e2442, 2021.

Parecer da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. **Eficácia dos protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas no tratamento de indivíduos com transtorno do espectro autista**. 2019. Acesso em 30 de Jul.

PEDRUZZI, Cristiane Monteiro; ALMEIDA, Cássia Heloíse Alcino. **O jogo simbólico na intervenção fonoaudiológica de crianças com transtorno do espectro autístico**. Distúrbios da Comunicação, v. 30, n. 2, p. 242-251, 2018.

PEREIRA, Erika Tamyres et al. **Augmentative and alternative communication on Autism Spectrum Disorder: impacts on communication**. In: CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2020. p. e20190167.

RÄDIKER, Stefan; KUCKARTZ, Udo. **Análisis de datos cualitativos con MAXQDA: Texto, audio, video**. BoD–Books on Demand, 2021.

SANDHAM, Victoria; HILL, Anne E.; HINCHLIFFE, Fiona. **The current practices of Australian speech-language pathologists in providing communication services to children with autism spectrum disorder**. International journal of speech-language pathology, v. 23, n. 6, p. 641-651, 2021.

SOUZA, Luciana Karine de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática**. Arquivos brasileiros de psicologia. Rio de Janeiro. Vol. 71, n. 2 (maio/ago. 2019), p. 51-67, 2019.

ZANON, Regina Basso; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 30, p. 25-33, 2014.